

34 - VINICIUS BARROS LEAL

CADEIRA Nº 34
PATRONO: SAMUEL UCHOA

VINÍCIUS BARROS LEAL

VINÍCIUS Antonius Holanda de BARROS LEAL, filho de João Paulino de Barros Leal Neto e de Maria Dolores Holanda de Barros Leal, nasceu em Baturité, no dia 16 de outubro de 1922. Fez o curso primário no Colégio Salesiano Domingos Sávio, de Baturité. Fez o curso secundário no Colégio Cearense do Sagrado Coração, dirigido pelos Irmãos Maristas; o curso complementar (pré-médico), no Liceu do Ceará. Formou-se em Medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco, especializando-se em Pediatria, curso concluído em 1948. Posteriormente fez Mestrado na UFC. Como médico, tem exercido inúmeras atividades: médico legista do Gabinete Médico-legal da Secretaria de Segurança Pública do Estado do Ceará; Puericultor da Legião Brasileira de Assitência, ocupando diversas vezes as funções de Diretor de Postos, Chefe da Divisão de Maternidade e Infância e, interinamente, a presidência da Institução. Médico da Assistência Municipal de Fortaleza e do Instituto de Previdência do Município; foi também Chefe do Serviço Médico e Presidente da Junta Médica Municipal; Diretor do Posto de Saúde de Pacatuba; pediatra-puericultor do Ambulatório de Pescadores (SUDEPE). Diretor Médico do Asilo de Menores Juvenal de Carvalho e Diretor da Policlínica D. Libânia de Holanda. É professor do Departamento de Medicina Comunitária da UFC; foi professor do Curso Intensivo de Puericultura do Ministério da Saúde; professor do Curso de Adestramento de Auxiliadores de Maternidade de Departamento Nacional da Criança; Coordenador do Grupo de Programação de Medicina da LBA. É membro de várias agremiações, como a Associação Brasileira de Medicina, o Centro Médico Cearense, a Sociedade Cearense de Pediatria, a Associação Brasileira de Escolas Médicas, sendo ainda "Fellow Member" da Academia Americana de Pediatria e Membro do Conselho de Medicina. Tem participado de inúmeros congressos e simpósios em sua

especialidade. Membro efetivo do Instituto do Ceará, é sócio correspondente de entidades como o Instituto Histórico do Maranhão, o Instituto Brasileiro de Geneologia, do Instituto Cultural do Cariri, do Instituto Cultural do Vale Caririense, etc. É ainda da Associação Cearense de Imprensa. Foi Vereador à Câmara Municipal de Fortaleza, de 1951. Tem colaborado em inumeráveis periódicos cearenses, dentre os quais as revistas ***Verdes Mares, Itaytera,*** *do Crato, a* ***Revista do Instituto do Ceará e a Revista da Academia Cearense de Letras,*** *além de jornais como* ***Unitário*** *(já extinto),* ***O Povo, A Verdade,*** *de Baturité, etc. Obras publicadas:* ***História de Baturité*** *— época colonial (1978),* ***História da Medicina no Ceará*** *(1978),* ***O Bumba-Meu-Boi*** *(1982),* ***Os Bezerra de Menezes*** *(1976 e 1982), em col. com Eduardo Bezerra Neto e Gen. Teles Pinheiro;* ***D. Antônio de Almeida Lustosa*** *— Um Discípulo do Mestre (1992) e* ***A Colonização Portuguesa no Ceará*** *(1993). Com o livro* ***O Bumba-Meu-Boi*** *obteve o Prêmio Leonardo Mota, e, com* ***A Colonização Portuguesa no Ceará,*** *o Prêmio da UFC. Depois de falar de suas obras, Joaryvar Macedo, ao recebê-lo na Academia Cearense de Letras, disse: "Nas obras aludidas, Vinícius Barros Leal revela-se historiador inteiro, porquanto demonstra possuir a visão global da História. Se por um lado descobriu documentos, fez conhecer algo de novo e desvendou mistérios, de outro ângulo analisou-os devidamente e interpretou-os originalmente, conseguindo elaborar sínteses, porque teve a necessaria compreensão dos fatos."*

A VOCAÇÃO

Foi de uma admirável mãe, D. Delfina de Almeida Lustosa, que D. Antônio hauriu toda uma singular vocação para a santidade. Vindo ao mundo em São João del-Rei, Minas Gerais, a 11 de fevereiro de 1886, teve por berço um lar muito bem constituído, uma família sólida em virtudes, firme e constante na prática religiosa. Os Almeida-Lustosa eram exemplares na maneira de conviver com parentes e amigos e formavam um ambiente familiar cheio de sentimentos de nobreza de caráter e de costumes regulados pelas normas mais rígidas do comportamento conservador da velha sociedade mineira. Admirava na pequena e tradicional cidade a atmosfera de disciplina e espontânea obsequiosidade reinante na casa solarenga, austera e patriarcal do Dr. João Batista Pimentel Lustosa.

Como de hábito entre estes observantes católicos, foi o menino consagrado a Maria Santíssima pouco depois de nascer, recebendo o privilégio que tal dedicação concede aos que os pais procuram proteger com este ato de reverência e submissão. O décimo filho do casal foi para a numerosa família uma graça, considerado um presente do céu, vindo ao mundo na data aniversária da aparição de Nossa Senhora em Lourdes, circunstância que o marcou indelevelmente, dispondo-o à devoção filial à Virgem Maria, exercício constante de sua vida.

O pequeno Antônio cresceu nessa ambiência de serenidade e equilíbrio, de bondade e disciplina. A educação religiosa foi-lhe oferecida ao lado dos conhecimentos das ciências e das letras. Um certo senso de responsabilidade deu-lhe, desde cedo, um ar de seriedade, sem, no entanto, aparentar circunspecção imprópria à idade. Brincava com os irmãos e primos com desembaraço e franqueza, demonstrando inteligência e vivacidade. Comprazia-se em falar das coisas do céu e guardava na memória as vidas dos Santos e episódios da História Sagrada. Aprendeu logo a amar a Deus eterna e filialmente e a agir sempre no seu santo temor. Orientado pelos pais e instruído por professores piedosos, cumpria os deveres escolares com rigorosa disciplina. Conservando-se assim na senda do dever, soube livrar-se das más companhias e resistir galhardamente ao embate das ventanias e das pequenas

tempestades dos seus primeiros anos escolares.

Nunca lhe faltando a força da dedicação paterna nem as lições exemplares da mãe, foi amadurecendo fortificado na Fé, solícito na Caridade e animado na Esperança. Sempre na presença de Deus, afastado dos comodismos e mundanismos aplicou-se no cumprimento de suas obrigações com alegria e serenidade. Para semelhante caráter, a linguagem do bom exemplo dos pais constituiu-se no precioso legado que recebeu, qual um escudo protetor da Graça.

Aos dezesseis anos estava Antônio freqüentando o Colégio D. Bosco, em Cachoeira do Campo, distrito de São João del-Rei. Na bela idade de dezoito anos demonstrou ao pai, em colóquio amável e confiante, a sua vocação para o sacerdócio. Longe de uma reação incômoda e opositora, encontrou no genitor a aprovação compreensiva. Foi, como conta um seu biógrafo, "uma audiência íntima e cordial". Viu logo o pai, que já conhecia o intento do filho, por lhe ter falado a esposa, que nenhuma objeção adiantaria caso houvesse qualquer obstáculo de sua parte. Talvez o profundo sentimento de respeito e de obediência o fizesse demover por algum tempo, mas a convicção firme e resoluta de Antônio jamais se abateria; tentaria ele, até convencê-lo.

A inclinação do jovem mineiro estava fundamentada naquele chamado tão difícil de definir. O apelo de Deus, manifestado por sinais, é de tal intimidade que foge a qualquer tentativa de compreensão. O desejo pela vida evangélica, em qualquer de suas formas, não aceita mediação outra senão a do trinômio "Deus-Homem-Igreja". A adesão do jovem foi uma resposta ao desígnio de Deus, uma concordância sua, voluntária e livre. Afirmou ele, já Bispo de Uberaba, em sua primeira Carta-Pastoral: "Assentamos resoluto nosso ideal, consagramo-nos a Deus". O pacto então firmado entre ele e seu Criador teve um cunho de muita amizade, de correspondência e de desejo de cada vez mais crescer no amor supremo.

Via o pai, inteligente e observador, que o filho demonstrava a sua coerência com os princípios que reinavam naquela casa. A decisão vinha de um juízo reto, de uma mente bem formada, apesar de tão moço o rapaz; entre ele e Deus havia coerência de chamado e resposta. Com inteira liberdade e com todas as aptidões de saúde, inteligência e comportamento, Antônio atendia a uma verdadeira aprovação divina para a escolha que a Graça lhe

ensejara. O seu "Sim" dado agora ao pai, quando ao indagar-lhe as disposições para a vida sacerdotal, foi um eco de outro "Sim" mais eloqüente, que dera muito interiormente à convocação do Alto e que de há muito escutara.

Sentia Antônio que na correspondência a este chamamento teria a sua realização total na ordem humana, cristã e apostólica. Amando a Igreja, não podia ficar à margem nem desenvolver-se sem ela. Entre ele, a Igreja e Deus se consolidava uma amizade crescente e mais vigorosa. Não tinha dúvida de ter reconhecido aquela escolha e de encontrar nela sinais evidentes de sua eleicão. Absolutamente seguro do importante passo que acabava de dar, fez outra opção, escolhendo, entre os diversos tipos de vida religiosa, uma Congregação dedicada à educação da juventude e à catequese.

Antes de despedir-se do pai, naquele colóquio de tanto amor e confiança, ouviu dele conselhos de prudência e moderação, oriundos de um homem experiente e ponderado: "Meu Filho, é necessário que penses bem sobre a inclinação que te anima. O Sacerdócio é algo muito sério; supõe vocação robusta e impõe deveres para os quais uma simples vontade não basta. Pensaste bem no que tencionas fazer?" A resposta não se fez esperar: "Já, meu pai. Tenciono ser Padre e por isso pretendo o seu consentimento." O diálogo continuou com a persistência do pai em asseverar-se da firmeza do filho: "Antônio, insisto mais uma vez, estás realmente consciente do grande passo que vais dar?" A segunda resposta do filho foi uma confissão de certeza, de persuasão íntima, de concordância com os sentimentos que brotavam do mais recôndito da alma do jovem: "Meu pai, estou certo. Sinto, com uma absoluta convicção, que o sacerdócio é a vida que me serve. Espero, pois, que o senhor me abençoe."

Após um breve recolhimento e um silêncio refletido, o pai do futuro D. Antônio de Almeida Lustosa proferiu as palavras de aprovação que o filho tanto aguardava: "Está bem, meu filho, tens o meu consentimento. Espero que sejas feliz e que de futuro possamos nos orgulhar um do outro. Que Deus te abençoe." Poderíamos acrescentar algumas palavras que não foram proferidas, mas que apenas deixaram de aflorar da boca daquele pai gratíssimo: "E que vivas em Deus, por Deus e com Deus nesses teus salutares propósitos e recordes com gratidão os benefícios do Deus que te deu uma famllia cristã e respeitante de Seus

designios."

Estava escolhido o rumo do jovem de São João del-Rei e não havia mais pressa nem correria. Desanuviou-se o horizonte, embora, de antemão, Antônio já aguardasse o feliz resultado. O pai, sendo um homem de alma iluminada e fervorosa, certamente aquiesceria ao desiderato do filho. E, além do mais, acreditava Antônio piamente na providência do céu. A sua vocação tinha o sinete de Divino e a clemência de Deus interviria, afastando qualquer embaraço. A sua certeza estava firmada na convicção da força de suas orações, na sua humilde persistência e audácia. Antônio, apesar da pouca idade, era de um espírito equilibrado, demonstrando possuir aquelas virtudes fundamentais exigidas na formação de um bom sacerdote.

Na relação desses fatos ocorridos na infância, juventude e primeiros passos da vida religiosa do futuro Arcebispo de Fortaleza, estão sendo seguidas as informações estampadas nas colunas do jomal O Nordeste, em artigo sem assinatura, mas de autoria de pessoa muito bem informada da vida do grande salesiano. Este artigo, publicado no dia 2 de junho de 1963, provavelmente é da pena de algum de seus irmãos de Congregação, foi escrito com muita justeza e, pode-se afirmar, por opinião de pessoa digna de fé, os fatos ali narrados com absoluta exatidão e excluídos de qualquer sombra de exagero ou de louvação encarecida.

O espírito intensamente cristão do moço de São loão del-Rei era cheio de nobreza e edificava por sua doçura espontânea e fascinante. E, por isso, seu pai podia vaticinar, com muita razão para acreditar no prognóstico, que aquele filho seria motivo de orgulho para ele e seus patrícios. A anuência paterna acompanhou-se da demonstração da confiança no êxito do compromisso que ambos acabavam de firmar. "Espero que sejas feliz e que de futuro possamos nos orgulhar um do outro. Que Deus te abençoe." A maturidade e firmeza de caráter e o comportamento do jovem davam crédito a tal esperança.

Após alguns meses do breve diálogo de aprovação à sua escolha de vida, as providências para a viagem de Antônio foram tomadas no sentido de seu aprontamento. D. Delfina cuidou do enxoval, nada esquecendo que pudesse fazer falta ao rapaz em São Paulo, para onde ele se destinava.

Foi comovente a despedida na estação de São João del-Rei,

numa madrugada de 1905. Ali estava um casal que tudo fazia para atender a um filho dileto que se afastava do aconchego do lar para acatar um chamamento divino. E um filho que ouvindo as disposições interiores rompia as vinculações mais estreitas de sua convivência familiar, para confirmar o seu "sim" ao voto empenhado. Ali estava uma mãe, da velha estirpe mineira, tendo à mão um terço e nos lábios os sussurros das preces pela felicidade do filho que ela doava a Deus com espontaneidade, apesar da dor da separação. Como mãe extremosa, já com tantas provas da correspondência do afeto filial, sentia no desejo de separação do filho a consolação de um amor maior, a evidência de uma manifestação divina. As recomendações que todos os pais não esquecem de fazer aos filhos que partem não foram esquecidas, especialmente a da comunicação freqüente: "Não deixes de escrever sempre. Rezaremos por ti. Deus te abençoe." E o trem partiu, levando o jovem de olhar vivo, franco, embora reservado e inteligente, afável e idealista, que vencia uma grande etapa de sua vida ao apartar-se daquele ambiente em que recebera os germes da educação religiosa e da formação de seu caráter.

A meta de Antônio era ingressar na Congregação Salesiana, o que fez a 29 de janeiro de 1905. Desde os primeiros estudos em Lorena, já demonstrou o noviço ser um estudante diferente, aplicado, debruçado sobre os livros, enfrentando todas as dificuldades que o aprendizado das novas disciplinas impunha. Em Latim, chamaram logo a atenção os seus progressos. Estudava com afinco, esforçando-se por atender as obrigações mais exigentes.

De vida cristã absolutamente modelar, dava gosto observar a linha de conduta daquele rapaz. Os seus professores, os Padres Augusto e Alfredo, não escondiam a admiração que lhes causava o vigor mental do moço e os traços de sua personalidade marcante, que já impunha respeito aos condiscípulos. De dedicação incomum, correspondia às graças que recebera.

De *D. Antônio de Almeida Lustosa* (1992).